

# UM CIDADÃO DO MUNDO NO CORAÇÃO DA IGREJA E UM MEMBRO DA IGREJA NO CORAÇÃO DO MUNDO (PUEBLA)

Entrevista com João Maria Cardoso da Silva, coordenador  
da Pastoral Arquidiocesana de Passo Fundo

**Entrevistadores:** *Pe. Ms Ivanir Antonio Rodighero\**  
*Acad. Antonio Pereira dos Santos\*\**

**Sistematização:** *Prof<sup>a</sup> Selina Maria Dal Moro\*\*\**

A proclamação eclesial do ano de 2018 como Ano Nacional do Laicato vem permitindo que a Igreja na América Latina e, de modo particular, no Brasil, em sintonia com as vozes que ainda ressoam do Concílio Vaticano II e das Conferências do Episcopado latino-americano, se debruce sobre o papel dos Leigos e das Leigas na Igreja e na sociedade. Na esteira dos que buscam aprofundar-se sobre a especificidade do papel do Laicato, a Itepa Faculdades lança o primeiro número de 2018 da revista “Caminhando com o Itepa” sobre esta temática, intitulando-a: “Leigos e Leigas: sal da terra e luz do mundo”. Reflexões, indicadores de ações pastorais pautam a presente publicação que vem coroada com a experiência pastoral e compromisso social de João Maria Cardoso da Silva, atual Coordenador da Pastoral Arquidiocesana da Saúde de Passo Fundo, em entrevista concedida ao Pe. Ivanir Antonio Rodighero, Diretor da Itepa Faculdades e ao Acadêmico do Bacharelado em Teologia, Antônio Pereira Santos, no dia 08 de fevereiro de 2018. É importante esclarecer que o texto

---

\* Ms em Teologia Dogmática, Prof. da Itepa Faculdades e Diretor Executivo do Instituto de Teologia e Pastoral.

\*\* Acadêmico do Bacharelado em Teologia da Itepa Faculdades.

\*\*\* Ms em Educação, Prof<sup>a</sup> da Itepa Faculdades e Vice-Diretora Executiva do Instituto de Teologia e Pastoral.

sistematizado guarda plena fidelidade ao pensamento do Entrevistado que o aprovou e autorizou a publicação.

**Pe. Ivanir:** Estamos no ano do laicato. Em relação a sua pessoa o reconhecemos como um cristão leigo comprometido com o Reino de Deus. Por isso, desejamos seu testemunho relativo à sua vida de leigo cristão. O documento da CNBB n° 105 diz que o leigo cristão é sal, que dá sabor e que é luz que ilumina a vida das outras pessoas. O Sr. e sua esposa Dona Delícia são assim pela coragem, pelo ato de se colocar a serviço. Nesse sentido nós gostaríamos que o Sr. começasse falando um pouquinho como transcorreu sua vida de leigo. De início, pedimos que nos fale um pouquinho sobre seus pais, sua origem, sua infância, como foi sua formação religiosa. Em seguida, gostaríamos que nos falasse sobre sua inserção nas pastorais, nos movimentos e organizações sociais e na própria sociedade. Como é que esse processo foi acontecendo?

**João Maria:** Eu nasci no ano de 1936. Sou o primeiro filho de uma família bem humilde, mas muito rica de coração e solidariedade. Meus pais se chamavam Francisco Cardoso da Silva e minha mãe, Otília Antônia de Camargo. Eu nasci na costa do Rio Herval pelas mãos de minha avó. O rio Herval corre entre a Comunidade do Bom Recreio e o Pulador. No tempo da minha infância aquele local se chamava Rincão do Pessegueiro. Entre os anos de 1946-1947 passou a chamar-se Bom Recreio. Meu pai trabalhava como carroceiro junto com meu avô, indo de localidade em localidade comprando e vendendo produtos. No tempo de minha infância e juventude e todos os vizinhos se ajudavam com alegria, com boa vontade e com interesse em ajudar as famílias que tinham dificuldades.

**Pe. Ivanir:** Em que setor econômico sua família trabalhava?

**João Maria:** Quando eu era criança, aqui em Passo Fundo havia apenas quatro lojas. Eles, meu pai e meu avô, traziam

produtos manufaturados lá de Santa Maria. Esta cidade já era um polo industrial. Produzia chapéus, bijuterias, calçados e outros produtos. Daqui, carregavam outros produtos e iam embora. Iam nas charqueadas. Pegavam um pouco de charque para atender às encomendas. Desciam para as tafonas na costa de serra. Pegavam farinha de mandioca para levar para Santa Maria porque, lá não tinha este produto. Um dia quando eles estavam a caminho para Passo Fundo, eles pararam. O meu avô disse para meu pai. *“Agora tu cuida a carroça. Eu vou ali à casa daquele morador para ver se tem alguém que tem um pedaço de terra para vender. O cara disse que uma família, que possuía uma boa porção de terra, queria vender uma parte. O avô então lhe recomendou: peça que não venda até nós voltarmos da viagem. Na volta vamos ver se nos acertamos.* Eles foram embora lá para Santa Maria, depois para Santiago. Lá em Santa Maria onde hoje está um hotel cinco estrelas eles faziam seu pouso. Ao retornar da viagem meu avô viu que o negócio em Passo Fundo era bom. Pegou um pouco de dinheiro e comprou o pedaço de terra onde, hoje, nós moramos.

**Pe. Ivanir:** Algumas vezes o Sr. tem nos dito que na sua infância, a família sofreu muito. Poderia nos dizer algo?

**João Maria:** Nós morávamos na Costa do Rio Herval, que faz divisa com o atual distrito do Pulador. Eu devia ter uns seis meses de vida, fomos despejados deste local. A falecida avó caiu no conto do vigário e assinou uma procuração de causa própria para um advogado pilantra que se fazia de amigo. Ela assinou a procuração dando plenos poderes para ele. Um dia ele, simplesmente, chegou lá em casa com um documento, entregou para ela, dizendo que ela tinha que desocupar a propriedade. O meu avô já tinha morrido na revolução dos Maragatos e Chimangos. Nós tivemos que sair e ir para um galpão. Perdemos tudo. Nossa sorte foi que uma família viu que nós estávamos na estrada. Nos chamou para ficar uns dias em sua

casa até que se desse um jeito de arrumar outra propriedade. Isso foi um sofrimento muito grande, porque minha avó já não tinha mais o avô. Mais tarde a propriedade foi recuperada. Como já disse, é nossa morada atual.

**Pe. Ivanir:** Guardou lembranças importantes sobre o trabalho de seu pai?

**João Maria:** No período do governo Collares foi realizado em Santa Maria um Congresso Estadual da Saúde. Eu já estava batalhando, via sindicato, pela saúde dos trabalhadores rurais. Fui então, convidado para participar desse Congresso. Eu e a Delícia, minha esposa com quem vivo há 58 anos, já éramos casados. Não lembro o ano. Junto com outros companheiros fui hospedado num hotel cinco estrelas. Em conversas de corredor alguém me disse: *Aqui estava instalada a pousada onde os carroceiros faziam parada. Aqui estava a casa de pouso e de pasto para os animais de carga.* Então descobri que tudo fechava com o que meu pai nos contava. Era ali onde eu estava hospedado que eles paravam quando faziam suas longas viagens para buscar ou vender produtos. Aquele fato me marcou muito porque, um dia, foi o lugar de parada de meu avô e do meu pai. Eu não podia acreditar que eu estava lá no lugar que o meu pai dizia ser o lugar da sua pousada. Lembrei-me com emoção do sofrimento deles nas labutas como carroceiros.

**Pe. Ivanir:** E a sua vida escolar? Que pode nos contar?

**João Maria:** Chegou o tempo da escola. A escola era aquela em que o professor dava o recreio para as crianças e ele ia para a horta capinar. Quando estava na hora de recolher os alunos ele os chamava e, então eles diziam: *Professor tá bom o recreio, deixa mais um pouco. Nós não vamos entrar.* Fato curioso. De tanto falar que o recreio era bom, um dia, numa bodega o pessoal ali reunido sugeriu que se trocasse o nome; de localidade de Rincão do Pessegueiro para Bom Recreio. É importante frisar que eles não diziam bom, mas sim “bão”. Então, um coletivo se juntou e

foi à Prefeitura registrar o novo nome de sua comunidade: *Bom Recreio*.

**Antonio dos Santos:** Em que ano o Sr. começou a estudar?

**João Maria:** Foi em 1946, eu tinha uns nove a 10 anos. Fato curioso: eu nasci em 1936. Naquela época, quando nascia uma criança não era registrada na hora. Deixava se criar. Quando o meu pai foi nos registrar ele já tinha cinco filhos. Eu fui registrado como nascido em 1937, mas na realidade, eu nasci em 1936. E comecei a ir à escola em 1946. Tenho certeza disso por causa dos registros. O meu pai era Comissário e tinha o compromisso de registrar nascimentos, casamentos, óbitos e problemas... Ele trabalhou nessa função, sem ser remunerado, por 28 anos. E morreu sem ser aposentado. Como Comissário ele atendia toda a grande Passo Fundo. Naquela época o município de Passo Fundo era muito grande. Fazia parte os municípios de Soledade, Carazinho e muitos outros.

**Pe. Ivanir:** Fazia tudo gratuitamente?

**João Maria:** Tudo gratuito. Vinha pessoal de Soledade fazer queixa dos danos em lavouras provocados pelo gado que escapava do potreiro e ia na roça. Meu pai atendia a tudo.

**Pe. Ivanir:** Ele tinha algum preparo para exercer essa função?

**João Maria:** Tinha. Quando o prefeito nomeava alguém ele dava um treinamento. Esse treinamento era feito na Prefeitura. Na época não se dizia Prefeitura, mas Superintendência. No treinamento as pessoas chamadas eram orientadas sobre o modo atender as partes, especialmente, em conflito porque havia muito problema naquela época. Ele assumiu a função junto com outro senhor que morava na Travessa São Miguel, conhecido como João Chaves. Outro residia perto do Capão do Valo. Este era da família Müller. Eram, portanto, três comissários em atuação nesta região: O meu pai, o João Chaves e o Adolfo Müller.

**Antonio dos Santos:** Quanto tempo o Sr. estudou e como o Sr. ia à escola?

**João Maria:** Eu estudei em quatro escolas. Fui até à 4ª série. Comecei a estudar na Escola Lourenço Filho, que se localizava junto à Capela e à bodega da Comunidade. Hoje, ali se localiza a nossa comunidade Santa Terezinha. Depois fui pra cidade e passei a morar com um tio que residia perto do Hospital da Cidade. Passei, então, a estudar na Escola Estadual Protásio Alves. Eu brinco muito nos encontros, dizendo que eu tenho a faculdade de quatro estrelas. Logo vem a pergunta: *Mas de que jeito?* Eu sempre respondo: *Primeira, segunda, terceira e quarta séries. São quatro estrelas.* Completei os estudos na Escola Protásio Alves. Como estudante, ia para escola vestido com um guardapó que, então se chamava de túnica. Na manga estavam bordadas as letras: P.A, (Protásio Alves). Lembro que na época havia uma rixa entre esta escola e o Colégio Fagundes dos Reis. Esta estava localizada mais a leste da Avenida Brasil. Não sei muito bem qual era o motivo. Nós, estudantes da escola Protásio chamávamos os da escola Fagundes dos Reis de “pato assado” e os do Protásio, de “frango rançoso”

Nós íamos à escola a pé, calçando tamanco de pau. Não tínhamos botas, nem sapato. Quando íamos à escola, deixávamos o tamanco na porta pra não sujar o chão. Cheguei até a quarta série. Na quarta série a diretora queria que eu seguisse e ingressasse no curso ginásial porque eu estava indo muito bem nos estudos. Mas quando estava chegando o final do ano, a mãe veio para a cidade e foi visitar meus tios. Ali ela disse para a tia Rosa, com quem eu morava: *Eu vou ter que levar o João pra casa porque o Chico (pai) está muito mal e o João é o mais velho.* Quando souberam, a Diretora e a professora me disseram: *eu não acredito que tu vais ter que ir embora João, você está bem de aula, guri!* Respondi que o pai estava mal e eu era o mais velho. Elas fizeram um chorateu mas me liberaram. A Diretora me deu um documento e eu voltei para casa. Isso aconteceu em 1949.

**Pe. Ivanir:** O Sr. sempre vivenciou e testemunhou sua fé. Como foi sua Iniciação Cristã e se desenvolveu seu compromisso cristão?

**João Maria:** Eu fui batizado em casa, na Encruzilhada Müller junto com mais de vinte crianças. Naquela época o padre vinha de dois em dois ou de três em três meses. Era um padre que vinha de Santa Maria. Naquela época a Diocese de Santa Maria se estendia até Passo Fundo. Depois do retorno para casa, quando saí da escola, comecei a participar na comunidade. Um dia despertei com vontade de estudar para tornar-me padre. Falei com a mãe: *Mãe eu estou com vontade de estudar pra padre.* A gente ouvia falar alguma coisa sobre o seminário, sobre o estudo. Depois de refletir por alguns dias a mãe me disse: *Olha era uma boa. Mas o teu pai como é que fica? Você é o mais velho e precisa nos ajudar. Mas fale com o seu pai.* Nesse dia havia uma missa na comunidade com um sacerdote da Matriz Nossa Senhora da Conceição. Ele veio à comunidade montado num burro branco. Era um alemão. Quando o padre chegava eu o recebia, eu o ajudava a desmontar do burro, pegava a malinha e o acompanhava. Nesse dia eu disse àquele sacerdote: *Eu estou com vontade de estudar para padre.* Prontamente ele respondeu: *Mas que coisa boa, mas então vai estudar e morar lá conosco.* Então perguntou se a mãe ou o pai estavam ali. Respondi que a mãe estava. Então ele me disse: *Eu vou conversar com ela e na outra missa você pode ir junto.* O assunto ficou naquela conversa. Depois de um mês tivemos outra missa na Capela. Pouco antes do dia da missa a mãe me falou: *Não vá, o teu pai é capaz de morrer antes do tempo contigo saindo de casa.* Eu pensei: E agora?, quando o padre chegou para a missa eu o procurei e disse: *Não vou poder ir padre.* Ele me compreendeu e me recomendou: *Se o pai depende de você, não dá para ir mesmo, mas capriche, vai fazendo seus estudos, um dia vai dá certo.*

A missa, a partir dessa data, começou a ser rezada de 30 em

30 dias. Nós nunca deixamos de frequentá-la. Nos dias que não se rezava a missa participávamos da reza do terço. Em 1969 foram realizadas, do dia 2 ao dia 6 de outubro, as santas missões. Em nossa capela o pregador foi um Frei alemão, chamado Evaldo Kerval. Nessas missões eu fiz a primeira leitura da missa, em público. Tomei um suador. No começo quase não enxergava as letras na Bíblia. O Frei me parabenizou porque, segundo ele, eu tinha feito uma leitura muito bonita. No último dia das missões numa reunião, a Diretoria me elegeu para ministro. Na missa seguinte deu-se a minha posse. Recebi o livro-caixa, a chave do pé da cruz erguida fora da Igreja e o direito de escolher a diretoria, como de fato eu escolhi. Escolhi umas pessoas boas. Botei meu cunhado junto também.

**Pe. Ivanir:** O Sr. fez curso de extensão em Teologia. Quando e onde o realizou?

**João Maria:** Quando já era mais adulto eu fui convidado e convocado para fazer o curso de extensão em Teologia que era realizado por padres da Diocese de Passo Fundo: Pe. Nelson Tonello, Pe. Elli Benincá, Pe. Luis Serraglio, Pe. Dino Ciota, Pe. Ercílio Simon, Pe. Osvino Both e outros. O curso era realizado uma vez por semana no salão da Catedral. Devido ao trabalho que eu estava fazendo na comunidade, rezando o terço, fazendo as leituras, fui convidado para fazer o curso de Ministro Extraordinário da Eucaristia. Isso ocorreu entre 1970 e 1971.

Então eu pensei, falei com o pessoal da comunidade e todo mundo achou que era uma boa, embora eu não tivesse a menor ideia do que deveria fazer um ministro. O convite estava feito. A partir desse convite passei a participar de algumas missas na casa de formação dos Maristas. Íamos de carroça pra lá. Outras vezes íamos à Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Desde então tive condições de avançar nos estudos e nesse chamado de leigo cristão. Aceitei o convite para participar do curso de extensão em Teologia na Catedral e, também, comecei os

estudos para assumir como ministro da Eucaristia.

Eu fiz quatro anos de Teologia. Quando foi criada a Paróquia São Vicente de Paulo em 1974 o Frei Martinho Warken, então Vigário Paroquial, me sugeriu que fizesse uns três anos de prática porque até aquele momento, segundo ele, eu tinha feito só teoria. Diante da sugestão do Padre me perguntei se aguentaria aquele desafio. Ele então disse: *vá firme*. Conclusão: eu fiz 7 anos de preparação para ser Ministro: 4 anos de teologia e 3 anos de prática. Terminei os 3 anos lá em Marau no seminário dos Freis Capuchinhos. Fiquei 3 ou 4 dias lá no seminário fazendo um aprendizado mais profundo junto com as Irmãs e os Freis para ter uma base maior, para saber como era o Ministério.

**Pe. Ivanir:** Além de ser muito ligado à Igreja o Sr. teve sempre uma forte atuação social, buscando melhorias para sua comunidade. Pode nos dizer algo sobre suas experiências comunitárias?

**João Maria:** No mesmo momento em que me preparava para ser Ministro na Igreja, eu já estava tendo um trabalho muito forte na comunidade, no sindicato e na cooperativa. Estas duas entidades eram, então, muito fortes. Todo mundo na roça trabalhava com os bois, havia poucas máquinas. A partir desse momento eu fiz essa caminhada de amadurecimento, fui colocando o pé no degrau da escada. Fiz um estudo disso, um estudo daquilo, fiz curso de sindicalismo e de cooperativismo. Depois desses estudos e com base neles eu participava de outros eventos. Participava onde dava, sobretudo de seminários. Eu gosto muito da pedagogia de seminários. Eles me abriram os horizontes, o universo, o conhecimento e me ajudaram a orientar minhas práticas.

Começaram a aparecer convites para assessorias na área do sindicalismo e cooperativismo. Fui com outros companheiros para São Paulo, no sindicato dos metalúrgicos em São Bernardo

do Campo. Éramos 10 mil delegados. Eu fui como delegado do sindicalismo. Lá eu vi as brigas, as lutas. Foi uma coisa boa. Depois fui a Brasília e ao Rio de Janeiro. Os eventos foram se sucedendo. Aquela minha missão na comunidade não parava. Eu era o mais habilitado e o mais empurrado. Como jovem eu não sentia cansaço, não tinha medo, perdi o medo. Abraçava o que podia ir fazendo.

Em 1983, a região onde eu moro não era beneficiada com energia elétrica. O presidente do sindicato, o Sr. Alcidio Rebechi, um dia me falou: Abre a mão João Maria, venda uma vaca. Vendendo sete vacas você coloca luz em sua casa. Para você esse investimento custa dois mil e cem cruzeiros. Uma vaca, na época, valia uns trezentos reais. Eu, então pensei: *Nunca eu vou botar luz em minha propriedade. Não vou vender sete vacas pra colocar essa dita luz.* Eu fui numa reunião na Coprel lá em São Roque, que tinha o objetivo de estender a rede elétrica. Quando vi a proposta, achei que o preço era muito alto e eu disse não, não tenho dinheiro, por isso não assinei.

**Pe. Ivanir:** O trabalho no sindicato e na cooperativa foi muito exigente? Teve que enfrentar alguns momentos mais tensos?

**João Maria:** Em 1983, o Alcídio viajou para a Europa. Ele me disse: *João Maria tu vais ficar no meu lugar três meses. Vá tocando o barco. Vou deixar um documento te indicando. Aceitei a proposta porque o documento me dava força. Ele fez o documento junto com dois funcionários. Eram dois pilantras. Eles seguraram o documento e o Rebechi se foi. E eu fiquei perdido, achando que eu estava legitimado na função. Um dia veio um chamado do Banco do Brasil para o presidente do Sindicato ir lá receber e assinar as bolsas de estudos. Na condição de representante do Presidente fui ao Banco. Quando me viram pediram a presença do Rebechi. Diante de minha resposta eles me perguntaram quem ficara no lugar dele.*

Respondi que ele tinha me designado para representá-lo.

De imediato recebi a informação que teria que trazer um documento comprovando a minha designação. Enciumados, os dois executivos haviam escondido o documento em que o Rebechi me designara como representante do Presidente. Diante da insistência e ao perceberem que se não fosse assinado o convênio os alunos iriam perder a bolsa de estudos me deram as pistas de onde estava o documento. Depois de muito procurar eu o encontrei debaixo dos papéis de um deles. Percebi então que pessoas que me rodeavam não eram de confiança e que reinava a corrupção, também ali no sindicato. Apesar das dificuldades o meu trabalho comunitário não parava. Eu era chamado para cá e para lá, seminário para cá, formação aqui, formação acolá.

**Antônio dos Santos:** Seu João, como que se deu, a partir disso, a sua inserção no mundo da saúde? O senhor partiu do trabalho e formação na comunidade, depois na Igreja, no trabalho social, no sindicato e na cooperativa. Como foi que o Senhor entrou no mundo da saúde?

**João Maria:** Foi uma caminhada muito rica. Eu fui fazendo e aprendendo. No sindicato eu não via futuro, sobretudo quando eu descobri que um convênio de saúde com a Unimed não atendia aos objetivos propostos. Aos poucos e com muito diálogo, acertamos os passos.

Os encontros, as reuniões, os debates e a participação em Congressos foram me dando muito conhecimento e amadurecimento. Foram me ajudando a abrir as picadas para poder caminhar. Isso foi acontecendo paulatinamente.

**Pe. Ivanir:** O Sr. exerceu o cargo de presidência do sindicato?

**João Maria:** Em 1986, auxiliado por companheiros, resolvi fazer uma chapa de oposição para o sindicato porque eu via toda a trama que reinava. Fiz campanha em toda parte. Antes disso,

particpei de congressos, assembleias, cursos de formação. Sempre estive com a Igreja junto comigo. Nós não desgrudávamos dela. Foi por isso que fui tendo essa abertura e essa vontade de ir mais, ir agarrando mais. Com bastante esforço pude trazer muitos benefícios para a comunidade. Em 1986 aconteceu a eleição. Na minha comunidade eu fiz 80% dos votos. Nas outras, o percentual ficou numa média de 20%. Essa derrota foi provocada pelos meus adversários. Depois que eu fazia reunião numa comunidade, eles iam lá e diziam: *não vão atrás do João Maria, porque ele vai quebrar todo o sindicato. Vai falir o sindicato e vocês vão ficar sem sindicato, não votem nele*. O povo ficava com medo. Minha chapa foi derrotada. Mas aquela perda foi um grande ganho. Porque nessa época a Comissão Interinstitucional Municipal de Saúde - CIMIS estava caminhando. Eu fui entrando lá. A CIMIS defendia o direito à saúde. Isso me interessava e continua me interessando. Quando eu fui chegando os presentes ficaram atônitos. O professor Hélio Possamai me perguntou se eu havia abandonado o sindicato. Respondi: *Me tiraram de lá*. Na CIMIS então aflorou a compreensão sobre o direito à saúde, de como fazer, de como trabalhar nas comunidades. Falei, então, com outros moradores da comunidade sobre o ambulatório. Eles acharam que era uma grande coisa que eu ia fazer em benefício da comunidade. Para isso, os dirigentes da CIMIS me deram apoio.

Na época, o Dr. Júlio Teixeira era o Delegado Regional da Saúde de Passo Fundo, autoridade máxima do município. A Dr<sup>a</sup> Susana, esposa dele, era a superintendente do Instituto Nacional do Seguro Social - INSS. O professor Hélio Possamai me orientou para que eu falasse com eles sobre minhas ideias.

A ideia do ambulatório foi ganhando força com a vinda para Passo Fundo de um médico lá de Saldanha Marinha. Chegando, ele encontrou a proposta desse ambulatório aqui no interior em Bom Recreio. Ele manifestou o desejo de conhecer esse local

porque lá ele poderia atender toda a região. Um dia ele veio bater aqui em casa. Ele chegou aí e disse: *Eu sou o doutor. Conversamos muito. Então eu disse: Doutor eu quero te dizer uma coisa: Se você vier trabalhar conosco, eu quero que você faça um trabalho bem amigo com os doentes. Eles estão acostumados ir lá na cidade para consultar. Quando eles estão entrando na porta do consultório a receita já está pronta. O doutor nem toma conhecimento do que eles têm.* Então ele me respondeu: *Não, não, não vou fazer isso! Pode ficar tranquilo que eu vou atender bem.* Depois disso, o Dr. Júlio Teixeira, a Sra. Suzana e eu fomos lá na comunidade para falar sobre o ambulatório. Enchemos a capela de gente. Todo mundo queria o ambulatório. O Dr. Júlio se admirou da quantidade de pessoas que atenderam ao convite. Depois das conversas, ele disse: *vamos ceder esse médico lá pro João Maria, lá no Bom Recreio.* O Dr., então, veio trabalhar numa casa ao lado da capela. Aí atendia muito bem. O pessoal estava muito contente. Mais tarde, devido a alguns problemas, foi arrumada outra casa para localizar o ambulatório. Esta pertencia a um casal de idosos que moravam em Mato Castelhano. O Dr. passou a atender nesse novo local. Um dia, um paciente me disse: *João, parabéns, é desses médicos que nós precisamos! Aqueles outros, lá na cidade, não escutam a gente! Esse escuta e conversa e dá risada, tu viu?* Respondi: *Eu vi!*

**Pe. Ivanir:** Como foi o processo depois da criação do Sistema Único de Saúde - SUS?

**João Maria:** Esse tipo de trabalho foi me dando bastante impulso, conhecimentos e amadurecimento. Aí entrou o SUS. Era um projeto muito desconhecido. Nesta época eu assumi o Conselho Municipal de Saúde. Comecei, então, a fazer, a estudar para saber o que era o SUS e para saber se nós tínhamos que lutar para que ele viesse. Trabalhei muito tempo na comunidade. Onde pude, sempre falei muito sobre o que era o SUS, mostrando que o objetivo do SUS é garantir o acesso aos serviços e às ações de saúde, proporcionar boa qualidade de vida

a toda a população. Eu dizia, então, que a gente tinha que lutar, porque o cuidado com a saúde é responsabilidade do poder público, do município, do Estado e da União. Chegamos juntos à conclusão que eles tinham que ceder o SUS para a Comunidade. Quanto mais perto da população e quanto mais intensa for a participação nas decisões, maiores são as possibilidades de êxito das políticas de saúde.

**Antonio dos Santos:** Segundo a lei 8142/90 são estabelecidas duas formas de participação popular no SUS. As Conferências e os Conselhos de Saúde. É preciso construir e executar o plano municipal de saúde para que o sistema funcione. Precisa ser planejado dentro das metas das deliberações da Conferência Municipal de Saúde.

**João Maria:** Vejam o que diz este documento. Dos cento e oitenta milhões de brasileiros, quarenta milhões possuem planos privados e cento e quarenta milhões, 78% da população são usuários do SUS. Pela lei 8080/90 o SUS não prevê somente ações assistenciais, mas também políticas econômicas e sociais que visem a redução de doenças e outros agravos ao meio ambiente, sobretudo, pela falta de saneamento básico. O SUS não só na cidade, mas também no interior deve ser integrado a centros de referência hospitalar. Por isso, as propostas aprovadas no Conselho, mesmo que não sejam exatamente do jeito que o gestor quer, devem ser homologadas e implementadas. Estas são a promoção, a prevenção, a recuperação e a reabilitação. Dentre os espaços de construção do SUS destacamos os Fóruns de Saúde, uma experiência que tem se mostrado como um grande potencial para fortalecer e qualificar o controle social.

**Pe. Ivanir:** O Sr. foi um dos fundadores do Conselho de Saúde em Passo Fundo. Como foi este novo processo?

**João Maria:** Antes da chegada do Conselho Municipal de Saúde era assim. Chamava-se o povo para um fórum para discutir e aprovar as metas. Diante das dificuldades de organizar

a população pensou-se criar o Conselho Municipal de Saúde. Eu já estava mais ou menos bem instruído e bem a par. A questão era: Como trabalhar o Conselho Municipal de Saúde? Nessa época eu fui eleito, eu fiz uma passagem direto da CIMIS para o Conselho Municipal de Saúde, como coordenador desse Conselho. Essa nova função me pesou muito porque eu nem sabia direito como era o Conselho. Nós estávamos estudando isso aí, aprendendo, mas nunca me passou pela cabeça que eu poderia ser o Coordenador. Na época o prefeito era o Dr. Júlio Teixeira e o Dr. Zenóbio Magalhães, o secretário da saúde. O Zenóbio era nortista, meio birrento e era danado. O que ele dizia quase tinha que ser. Mas nos acertávamos bem. Eu trabalhava no Conselho e ele na secretaria, lá na Gare. Aí eu entrei no Conselho como coordenador. Então me perguntei: *E agora aonde que eu vou buscar conhecimento. Aonde que tem conselho de saúde por aí?* Por meio de minha filha que morava em Santa Rosa, descobri que ali havia um Conselho de Saúde bem organizado. Junto com o Dr. Zenóbio e outro médico fomos àquela cidade para observar a organização e funcionamento desse tipo de Conselho.

Eu fui crescendo nesse espaço de conhecimento e ampliando minha popularidade. Nunca fiz politicagem nesse trabalho. Muitos diziam que eu estava me promovendo pra ser candidato a vereador. Não, não é isso, fui convidado por quatro vezes por dois partidos. Eu faço minha política assim mesmo, sem ser vereador. Aí o que aconteceu? O meu conhecimento cresceu, peguei credibilidade com o povo, a comunidade e eu fomos cada vez mais participando nos congressos nacionais de saúde. Eu pude participar da 9ª Conferência Nacional de Saúde, em Brasília. Foi muito bom.

Nessa Conferência se falou também sobre o meio ambiente, o saneamento básico e os direitos do cidadão. Eu procurei fazer assim uma integração desses direitos para eu não ficar só na saúde. Fui abrindo o leque e pegando esses eixos. Por exemplo:

eu sempre defendi o nosso homem da roça. Eu morava na roça. Não podia esquecer do homem da roça e partir para outro caminho, deixando esse que é o principal ator. Aí o que aconteceu? A saúde estava sempre com aquele problemão de cobranças injustas com o SUS. O doutorzinho dizia que tinha que pagar um pouco por fora porque o SUS não pagava direito, aquela coisa tudo, não? Aquele choro... E os coitados da roça pagavam e não pediam recibo.

**Pe. Ivanir:** Poderia nos falar de outros projetos liderados pelo Senhor?

**João Maria:** Ao mesmo tempo em que discutíamos o SUS entrou em debate o tema do meio ambiente. Nós estávamos sofrendo muito com o desmatamento e o descaso com as águas. Para refletir sobre estas questões e pedir proteção aos céus, criamos a Romaria das Águas, criamos aqui na comunidade também. Eu comprei uma briga grande. Tinha gente da comunidade que me disse: *O Sr. é nosso inimigo ao invés de ser amigo! Porque o meio ambiente é inimigo nosso! O meio ambiente não deixava derrubar.* Então tive que trazer a delegada do meio ambiente aqui, a Dra. Maria Helena pra fazer uma fala com a comunidade, explicando como é que era o meio ambiente. Fui então estudar sobre ecologia. Aí que o pessoal ficou mais indignado. Eu descobri toda a manobra dos grandes granjeiros. Entrou a transgenia e eu bati o pé e mão e tudo contra. Quase apanhei! Eles diziam que eu nem parecia ser um agricultor, que eu estava contra os agricultores. E aí eu fui levando o trabalho, com a Romaria das Águas. Sempre trabalhando, nunca fraquejei. Sempre jogava uma coisa boa dentro do estudo e da prática, da celebração, tudo mais ou menos focado. Falava do direito do homem e da mulher, da família toda, da saúde, do meio ambiente, do saneamento básico. Minha fala não deu muito pé. Foi muito mais pesado, mas deu pra fazer alguma coisa. Sobre a saúde no interior eu fui muito questionado, muito perguntado.

Eu consegui quebrar o gesso de Passo Fundo, trazendo para o interior o primeiro ambulatório. Isso sem politicagem. Eu fiz no osso do peito.

Eu tenho que ressaltar uma coisa. Sempre eu tive muito respaldo da família. Principalmente da Delícia, minha esposa. Eu saía para esse mundão e ela ficava segurando as pontas em casa com os filhos para fazer acontecer isso que a gente estava pleiteando. E sempre que eu chegava em casa ela me recebia faceira. Nós tínhamos um combinado. Ela dizia pra mim: *eu não gosto muito de reunião. Então você vá aonde tu tem que ir eu vou atender o que tem que se fazer em casa, lavoura, bichos...* E assim fizemos...

**Dona Delícia:** *Eu fazia muita planta sozinha. Eu tinha um relógio, que tá guardado ainda, um relógio de bolso. Eu levava o relógio e pendurava num palanque. Eu levava meia hora numa verga, indo numa ponta da lavoura e voltando e os filhos na escola. E a pequena temporona, eu deixava numa afilhada aqui embaixo, e a panela do feijão pra ela cozinhar pra mim. Era onze horas eu botava os bois no pasto e vinha. Fazia fogo, botava esquentar uma água pra cozinhar um arroz, uma massa, fritar uma carne, alguma coisa e ia buscar a menina lá. Às vezes ela vinha vindo, e, choramingando dizia: mãe quero mamá. Uma baita numa moça de 4 anos que ainda mamava no peito. Deixa a mãe se lavar, a mãe tá suada, tá suja. Não tá, não, dizia ela. Deixa chupá um pouquinho. Daí eu dava umas tetadas, ela mamava um pouquinho. Depois eu dizia: chega agora, vamos para casa, vamos se lavar. Fiz toda a planta. O Vilmar (filho) que hoje mora no Paraguai e a Beatriz estudavam no Círculo Operário. Chegavam em casa pela uma hora da tarde, almoçavam. O guri dizia: Mãe deixa que eu vou no arado. Eu respondia: Não! Tu vai limpar a mandioca de enxada e os arado deixa pra mim. Fiz toda a planta. Enchemos o galpão, graças a Deus! E tô aqui! né. Cuidava de tudo aí...e ele às voltas dele.*

**Pe. Ivanir:** Quando ele chegava em casa partilhava um

pouco?

**Dona Delícia:** *Sim, e o que tinha que fazer... ele ajudava.*

**Pe. Ivanir:** E contava também o que tinha acontecido nas reuniões ou não?

**Dona Delícia:** *Ele chegava e dizia: Tive uma reunião pesada hoje. Outras vezes dizia: a reunião foi boa. E assim, graças a Deus, criamos os oito filhos. Logo começaram a sair para estudar. O mais velho foi para um colégio em Carazinho.*

**João Maria:** Era o Colégio dos Servos da Caridade. O outro foi para Daltro Filho.

**Dona Delícia:** *O mais novo estudou dois anos e não continuou. Hoje está lá no Paraguai. Eu queria tirar ele do quartel. Disse então: Tu não vai servir, tu ficas em casa ajudando a mãe. Ele, então me respondeu: Mas, eu quero ir, se a Sra. me tirar eu vou como voluntário. Respondi: Tá, então tá bem! Ficou dois anos no quartel. Como ele não foi promovido, saiu. Foi para São Borja lá na casa do tio. Desistiu do quartel e foi trabalhar em São Borja. E ali ele começou sua vida.*

**Antonio dos Santos:** O Sr. é um agricultor. Que produtos planta?

**João Maria:** Eu plantei soja dos anos 70 aos anos 80. Quando eu cheguei aos anos 80 eu participei dum seminário sobre a agricultura e a realidade brasileira com um professor da Unijuí, Adelar Baggio, o irmão do padre Valter Baggio. Ele nos colocou toda a realidade brasileira e a situação do pequeno agricultor e do grande e o que ia acontecer com o pequeno. Então, fiquei pensando... vou ter que parar de plantar soja. Não dá! Ele nos dizia que quem não plantasse até 200 sacos, não ia aguentar. Iria acontecer uma quebradeira. E acrescentava: salte fora o quanto antes para não ficar sempre endividado e perder até a terra. Então decidi de deixar o plantio de soja. Levei três anos trabalhando e pagando contas que não terminavam. Era a época do juro sobre juro e correção monetária. Eu trabalhei essa

história num seminário que fizemos lá na comunidade. O povo ficou revoltado e dizia que eu estava falando abobrinha, que o melhor negócio era a soja e quase todos os da roça foram embora. Mas a coisa aconteceu bem como o professor falou. Contas cada vez mais altas e venda de terra para pagar conta. Então foi um desastre. Isso eu associava no meu trabalho comunitário e os desafios que estavam pra chegar.

**Antonio dos Santos:** O Sr., então, deixou de plantar soja? Como aconteceu essa mudança?

**João Maria:** Um dia cheguei em casa e falei para minha família. *Não vamos mais plantar soja.* Minha esposa, assustada, foi a primeira a retrucar: *Como é que nós imo parar de plantar soja, como que nós imo pagar as contas?* Todos os anos era aquela contaiada na Coopasso. Decidi: *não, nós vamos mudar!* Foi uma briga grande. A partir desse dia eu comecei a estudar agroecologia e ecologia. E aí apareceram as luzes no fundo do túnel iluminando por onde tínhamos que caminhar. E assim entramos num acordo. Paramos de plantar soja. Juntos conseguimos ir transformando a propriedade.

**Dona Delícia:** *Meu Deus! Aquela vez tivemos que vender até a junta de bois pra poder pagar a Cooperativa.*

**João Maria:** A Coopasso foi horrível. Fui transformando a propriedade e mostrando para a comunidade que esse era um caminho que eu optei e gostaria que eles também fizessem isso. A mudança foi acontecendo paulatinamente, entramos na agroecologia. Montamos uma horta ecológica, chegando a cobrir de hortigranjeiros até treze hectares de terra. Era uma produção grande, em massa. Depois o filho mais velho achou melhor ir para Pelotas. Tivemos, então, que parar com a horta. Mas nunca desanimando, sempre tentando superar as barreiras e ampliando os conhecimentos, trabalhando na prática, sempre solidário eu fui crescendo junto com a minha vizinhança. No meu trabalho de ministro eu aprendi também que não devia

ficar ensinando só saúde, mas também socializando as coisas, porque tudo vinha ao encontro do bem estar da família. E aos poucos eu fui conseguindo levar a comunidade ao um entendimento comum. Provei que eu não estava fazendo aquilo por um jogo político e nem para me promover. Eu era o João Maria e ia continuar e... como estou hoje. E isso tudo me deu força. Na área da ecologia trabalhamos muito com o Centro de Tecnologias Alternativas - CETAP. Tive a graça de caminhar com parceiros dos três estados do Sul: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

**Pe. Ivanir:** Mas as mudanças continuaram acontecendo. Depois da produção extensiva da soja entraram os transgênicos. Como foi então?

**João Maria:** Resistimos muito. Numa certa oportunidade nós, sindicalistas, cooperativados e pequenos agricultores fomos acampar lá na Asa Sul do Plano Piloto em Brasília. Montamos lá um grande barracão. Nunca estudei como estudamos nesse acampamento. Quinze dias batendo o pé contra a transgenia e estudando os problemas que ela iria trazer. Veio um cientista do Canadá e outro da Alemanha nos explicar o que era transgenia. E até hoje eu não concordo com o transgênico. Eles nos explicaram tudo, as consequências, as doenças que iam trazer para o povo. Eu sempre procurei valorizar aquilo que me passavam. Nunca duvidei que a agroecologia poderia ser a saída certa, como nos ensinou um professor da Espanha que veio trabalhar conosco em Ronda Alta, no início dos anos 80. Nós ficamos dois dias lá estudando agroecologia, ecologia e ecossistema. No segundo dia de trabalho, no final da aula ele escreveu assim no quadro: *A agroecologia será a salvação da humanidade*. E pegou o giz deixou no pé do quadro e ficou ali de braços cruzados olhando para nós. E nós, em silêncio. Ele olhava lá no quadro, olhava para nós... *Professor, mas e daí e o resto da aula?*, alguém perguntou. *Entenderam o que está escrito*

*ali? Então não adiantou o trabalho que fizemos esses dois dias? A solução, gente, a solução vai ser essa: a agroecologia é a salvação da humanidade. Ponto final.* Todo mundo ficou em silêncio. E agora? Eu tive essa graça e estou tendo graça de aprender mais ainda e conhecer a jogada da maldade das grandes empresas, do interesse do capitalismo, a força que ele tem e o modo como ele destrói as coisas boas.

**Pe. Ivanir:** Onde e em quem o Sr. buscava apoio para manter-se nessa caminhada de compromisso com o povo?

**João Maria:** Eu nunca deixei de trabalhar com a saúde. Primeiro foi a CIMIS e depois no Conselho Municipal de Saúde que me garantiram penetrar na área da saúde pública. Compreendi a briga ferrenha entre saúde privada e saúde pública. Eu fui descobrindo o cartel da medicina, o cartel dos médicos e dos laboratórios e farmácias e hospitais onde a saúde privada tem seu nicho. E eu sempre alertei em reuniões e encontros que há uma máquina geradora de doenças. Ela está aí, gerando doenças todos os dias. O povo, por isso, está ali sofrendo. Os cientistas que trabalharam conosco lá em Brasília nos alertavam sobre os transgênicos. Diziam eles que ia morrer muita gente nova. O câncer ia avançar devido à ação de venenos colocados na terra. E tudo isso tá acontecendo! Penso que se um outro companheiro me dissesse: *João Maria, isso aí não é pra nós! Isso aí não adianta! Então eu tinha pendurado a chuteira já!*

**Dona Delícia:** *Quem é que se vê carpindo nas lavouras agora? Antigamente passavam aqueles caminhão cheio de trabalhadores com as enxadas indo para as lavouras capinar para ganhar seu pão de cada dia. Agora... veneno e veneno e veneno e mais nada! Muitos têm que roubar e matar para sobreviver.*

**Antônio dos Santos:** O Sr. também se inseriu na Pastoral da Saúde da Arquidiocese. Percebe-se a importância da sua presença nos seminários da Pastoral da Saúde junto com a Itepa

Faculdades. Como se deu a criação dos seminários? O senhor consegue envolver muitos setores da sociedade, inclusive a prefeitura. Como que o senhor vê a importância desses seminários e como é a participação?

**João Maria:** Dentro desse apanhado de conhecimentos e desafios eu fui vendo que a Pastoral da Saúde tem um trabalho fundamental em defesa e promoção da vida. Então eu vi que eu era muito pequeno e muito só. Imaginei que se poderia fazer parcerias. Quando eu assumi a coordenação da Pastoral da Saúde eu me coloquei o objetivo de unir as pastorais. Isso foi um desafio muito grande. Muitas pessoas achavam que, para as pastorais, essa proposta não era muito boa. Percebi que cada uma estava fechada no seu mundinho. Não queria entrar em diálogo com outros e trocar experiência. A cada dia fui vendo a necessidade de ampliar os conhecimentos para engajar mais forças para o nosso trabalho poder avançar. Eu sempre gostei muito do Itepa. Alguns sacerdotes me falavam que o Itepa tinha um papel importantíssimo para formação humana e profissional. Propus-me convidar o Itepa para fazer parte do trabalho da saúde. Eu estava vendo que muitos, sobretudo seminaristas, saíam das quatro paredes e não conseguiam se abrir para o básico, para o que fundamental para as comunidades, para sanar o sofrimento do povo. Pensei que teríamos uma chance de participar para a formação de padres mais abertos com sensibilidade com o homem lá fora, no campo, na periferia da cidade. Meu primeiro contato foi com o Padre Ivanir Rodighero e com a Prof<sup>a</sup> Selina Dal Moro. Troquei ideias com vários padres. Aqui em Passo Fundo muitos tem um grande preparo. Esses me ajudaram muito e continuam me ajudando! Tive dificuldades com a equipe da Pastoral. Na Itepa, o Diretor, Padre Jair Carlesso me deu total apoio. Sempre fui bem entrosado com o pessoal da área da saúde pública e institucional também porque eu trabalhei no Conselho Regional de Saúde e eu sempre fui firme nas minhas propostas para o cuidado com o

povo rural. Nesse ambiente sempre fui valorizado. Ganhei espaço e avanços. A Itepa Faculdades me ajudou a dar um grande salto em relação à saúde pública. Procurei fazer e estamos fazendo juntos, a união das forças vivas que temos na sociedade para trabalharmos juntos.

**Pe. Ivanir:** O seu processo de formação foi acontecendo de uma forma gradual e ampliando, não é? Começou na Igreja, depois entrou o sindicato, entrou cooperativa, na saúde e por fim, na ecologia. Como leigo, quais os principais desafios que o senhor sente em relação à saúde, à política, à educação, à formação humana integral? Várias vezes nos disse que tinha uma vespeira ao seu redor, que tudo conspirava contra e a ecologia. Então pedimos que nos relacione os principais desafios que o senhor sente, na atualidade, em relação à saúde.

**João Maria:** Junto com minha família fiz uma dura experiência. Quando nós trabalhávamos com os agrotóxicos, estávamos sempre doentes e sem dinheiro porque o dinheiro que nós fazíamos ia todo para o médico e para a farmácia. Isso nos foi proporcionando, também um amplo conhecimento sobre o que era bom e o que não era bom e como nós, no bom sentido, tínhamos que brigar. Levei tudo para dentro da Igreja, provocando a reflexão após a leitura do Evangelho, casando a realidade do homem, a nossa realidade de agricultores com Evangelho, com o direito que temos de buscar o melhor. O próprio Evangelho de Jesus Cristo mostra que sempre teremos grandes desafios. O que é que nós temos que priorizar? Um Bem Viver, uma saúde de qualidade e um respeito com a mãe natureza porque se nós não temos respeito com ela, a nossa saúde vai ter muita dificuldade de se manter. Sempre fui me pautando no Evangelho, nas virtudes de Santa Terezinha. Eu estudei a história desta santa e admirei muito a história dela, pelo respeito, silêncio, meditação vivenciados por ela. Nunca tive medo de assumir compromissos. Eu medito sobre as palavras de

nosso querido papa Francisco e de São João Paulo II. Me encanto em observar o amor que eles têm com os seus companheiros e pelo laicato. Eu vejo que há uma grande necessidade da formação dos leigos para que se conheça a realidade desde os níveis internacional, nacional, regional e local. Precisamos ter esse entendimento. Aprender com os outros países para ver como é tratada a saúde; verificar como são vistos os transgênicos. Temos que nos aprofundar nesses conhecimentos. Hoje, o nosso leigo parece que tem medo de se focar nas coisas que estão acontecendo. Tem medo de se comprometer. E isso é muito triste. Então nós teríamos que investir mais no leigo, com mais oportunidade e também exigir que ele aprenda porque quem que vai ganhar não é só ele, é a comunidade. Eu podia ficar restrito ao meu nicho, não querendo me incomodar. O leigo cristão precisa se capacitar para levar a mensagem do Evangelho de uma maneira que ela vá ecoando pouco a pouco, mas firme. Então a Igreja, hoje, não pode descasar frente à situação do homem rural e do homem da periferia porque o homem da periferia e o homem rural estão ali. Eles pedem ajudar. Eu acho que o nosso Papa está conseguindo fazer essa mudança, essa “saída” como ele diz. Por isso, o leigo não pode ficar entocado e pensar que ele sabe tudo. Não, ele tem que buscar o conhecimento. É compromisso da Igreja investir um pouco mais no leigo, olhar como é que está a ação pastoral lá naquela comunidade. Há alguém comprometido com a libertação do povo? O padre está levando subsídios pra lá? Como está a pastoral do dízimo, a pastoral da saúde e a pastoral do idoso, a pastoral social e assim por diante. Eu acho que nós temos que ir trabalhando isso paulatinamente, devagar, porque é delicado e não dá pra perder aqueles que estão no trabalho, não dá para assustar. Mas dá pra trabalhar com eles e com elas. E aí todos nós saímos ganhando porque é isso que o povo precisa. Então, a semente vai caindo, vai nascendo, vai brotando e eu acho que é assim que se constrói o Reino de Deus. Não podemos perder a esperança e dizer que não tem mais jeito.

Temos que lutar para que isso aí amenize. É urgente que se faça justiça, porque tudo está levando ao descrédito. Nesse conjunto entram as demandas para as políticas públicas. O povo não sabe ainda pleitear uma política pública. Pensam que é assim como está e pronto. Isso foi uma grande dificuldade que eu tive quando estive à frente do sindicato. Diante das decisões governamentais a nossa saúde vai ficar mais desqualificada porque os efeitos maléficos funcionam. Precisamos, por isso, ter esse cuidado. O que podemos e temos que ir fazendo para acordar o outro, para que ele possa nos ajudar nessa batalha, porque essa é uma grande batalha que nós temos. Como é que vai ser a vida de nossa juventude amanhã? Que mundo estamos preparando para os nossos, netos e bisnetos? A Igreja não pode largar desse eixo. É o que Jesus fazia, pleiteava a vida plena para todos, mantida com os bens naturais. Enquanto o homem não reconhecer o dever que ele tem de cuidar da mãe natureza, fica difícil essa conquista, mas não é desesperadora. Eu ofereço meu exemplo. Transformei a minha propriedade. Tudo o que tem aqui fomos nós que fizemos: Eu, a patroa e as crianças, todos plantando.

**Dona Delícia:** *Parece coisa de louco plantar árvores.*

**João Maria:** É... E isso é um projeto que a Igreja tem que levantar, também, como bandeira.

**Pe. Ivanir:** Acho que até mesmo a própria família, não é? O ato de vocês dois pegaram juntos, plantando árvores, cuidando da natureza, é um grande exemplo. Imagine quando um puxa para um lado e outro puxo para o outro. Não anda, não é? A família é um espaço privilegiado, não é?

**João Maria:** Nós temos um grande caminho pra percorrer nesta construção para fazer a família conhecer a beleza da mãe natureza e também reconhecer o dever que nós temos com ela; de como ajudá-la se fortalecer. Eu sempre penso assim, e eu aprendi na agroecologia num trabalho que foi feito lá em Francisco Beltrão, no Paraná. O desmatamento, na verdade, é

um crime. É muito mais cômodo ir lá no mercado e comprar a laranja, a banana, o araticum ou qualquer fruta e pagar o preço que o mercado definiu, do que dizer, não, eu vou plantar porque, assim eu vou ter essa fruta em casa. Nós temos bananeira em nossa chácara e comemos bananas sadias. A laranja aqui emenda o ano todo.

**Dona Delícia:** *Muitas vezes juntamos e damos para as vacas.*

**João Maria:** Plantar é uma coisa simples, não ocupa tanto lugar e, assim, vamos tento um suco de primeira qualidade. Aqui está a parreira. Os únicos que estamos tendo parreiral aqui somos nós. Nas outras propriedades, as parreiras morreram por causa dos venenos. E nós temos suco, fizemos um pouco de vinho, fizemos a chimia, a geleia. Eu disse, um dia, que Jesus Cristo pegou a uva pra trabalhar e dar como exemplo. Ele sabia a beleza que ela tem e o bem que ela faz. A gente tem que fazer essa ligação. Jesus insistia em dizer que todo galho que está ligado no tronco dá muito fruto. Eu acho que temos que trabalhar essas ideias na família porque eu penso que a família, com seu exemplo, pode provocar a comunidade para fazer o mesmo. É importante promover encontros e seminários. Se um dia de estudos é muito, então meio dia de campo é suficiente. Nesses encontros pode-se trazer a temática da realidade, refletir como é que era antes e o que nós temos que fazer agora. É importante envolver a todos porque o povo hoje e mesmo os idosos esqueceram princípios fundamentais e apenas procuram se divertir indo para os bailes.

**Pe. Ivanir:** Tomando cerveja, cachaça... até se prostituindo, não é? Isso é triste.

**João Maria:** Tem de tudo. Muitas vezes são convidados para as reuniões e eles dizem: *não tenho tempo*. Então estamos perdendo uma grande gama de povo que frequenta esses bailecos. Dançam uma tarde toda. Muitos vão para lá para esquecer seus compromissos e não fazem nada nunca. Muitas

vezes alguns me convidam para ir ao baile, aquele dos idosos. Eu, então respondo: *vou quando eu tiver tempo*.

**Pe. Ivanir:** Uma coisa que o senhor faz muito bem é em relação aos conflitos. Parece-me que o senhor observa, age, não se apavora. Às vezes podemos nos afogar nos conflitos. Queremos resultados imediatos. Temos que deixar as coisas amadurecer. Mas também não se pode ser ingênuo, dizer que está tudo bem, enquanto estão cravando a faca nas costas. Como é que o senhor administra os conflitos, como é a sua sabedoria nesse aspecto?

**João Maria:** Olha, hoje tudo o que a gente vê, é um sinal de alguma coisa que está acontecendo ou está para acontecer ou já aconteceu. A gente tem que ter uma certa moderação no modo de ver as coisas. Às vezes o que a gente vê, casa com aquilo que a gente está pensando ou aquilo que a gente fez. Do mesmo jeito a gente tem que ver o que ainda precisa ser feito. Como o Sr. acabou de afirmar, eu não posso dizer que está tudo bem. O que eu aprendi, aprendi, agora chega, como o Temer que disse que já fez a parte dele. Não, o mundo está sempre em construção, a comunidade está sempre em construção, a Igreja da comunidade nunca está pronta. Eu disse, há poucos dias para o compadre Osvaldo no dia do aniversário dele. Chega lá na comunidade, olha, está bonito. A pessoa que diz que não precisa mais nada é o legítimo acomodado e errado porque uma comunidade nunca pode terminar. Dá para dizer, portanto, que o sistema SUS, é um sistema que sempre está em construção. Ele está mostrando as falhas. Aquilo que tem que ser feito, precisa ser feito. Com a comunidade é a mesma coisa.

**Pe. Ivanir:** E para ter essa paciência se precisa também ir amadurecendo as ideias, não é?

**João Maria:** Isso, isso... Eu nunca esqueço que num encontro da Pastoral da Saúde, veio uma irmã de Porto Alegre, parece que era Maria Pedra e me disse ali na Igreja São Vicente,

que o agente da Pastoral da Saúde tinha que ter orelha de burro, orelha bem grande, pra escutar... Escutar, escutar, escutar, mais escutar do que falar. É preciso estar ouvindo o doente. E as outras coisas da comunidade. Digo, muitas vezes, para meus vizinhos: *uma hora vou lá tomar um chimarrão*. Deixo que o outro fale, conte os causos dele, e escuto. Depois faço uma análise. Aprendi isso na minha caminhada, ouvindo os professores. Eu me baseio em vários professores que diziam que se tinha que sempre estudar a realidade local, ir na vizinhança para ouvir. Hoje por exemplo, na Pastoral da Saúde, ver como é que está a saúde lá na tua vizinhança, tem muito doente lá? Muitos responsáveis pela saúde do povo não estão perguntando, acham que tudo está bom. Só se faz festa, festa de aniversário e outras tantas. Mas não dizem que há uma família que está sofrendo. Uma vez era assim, um ouvia a dor do outro. Agora, aquele que tem dinheiro vai pra cidade vai encontrar solução para seu problema. O outro, como se diz por ali: *que se dane*. Poucos ainda ajudam o outro. Essa parece ser a realidade presente e que nos desafia.

**Pe. Ivanir:** Penso que nossa conversa foi boa, não é? Gostaria de dizer mais alguma coisa?

**João Maria:** Eu queria dizer uma coisa, Pe. Ivanir. Eu tenho que agradecer muito a Deus pelo apoio que eu sempre tive da Igreja. Diversos padres me incentivaram e valorizaram o meu trabalho e o trabalho das equipes que fomos construindo. Isso é uma grande graça recebida. Tenho muito a agradecer aos bispos, Dom Urbano e Dom Ercílio. Quando me encontrava com Dom Urbano era uma festa. Do mesmo modo posso dizer de Dom Ercílio. Ultimamente temos conversado pouco. Mas sei que ambos ressaltam meu trabalho na Pastoral da Saúde. Agradeço aos padres da Diocese porque todos valorizaram nosso trabalho. Hoje, contamos com o apoio da Itepa Faculdades, especialmente de vocês. Eu tenho que agradecer muito porque vocês estão conosco nessa luta pela saúde.